

O romance como arte da provocação

RESUMO

Nesta entrevista, o escritor francês Michel Houellebecq revela um pouco mais do seu método de trabalho e o seu modo de enxergar o mundo.

ABSTRACT

In this interview The French writer Michel Houellebecq talks about his working methods and the way he sees the world.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Michel Houellebecq
- Pós-modernidade (Postmodernity)
- Literatura contemporânea (Contemporaneous literature)

POLÊMICO, TALENTOSO E PROVOCADOR, o escritor francês Michel Houellebecq, nascido em 26 de fevereiro de 1958, na Ilha da Reunião, tornou-se célebre com três romances desconcertantes e, saturado de controvérsias, resolveu viver retirado na campanha irlandesa. A solidão parece-lhe mais adequada ao trabalho literário. Mas, principalmente, mais de acordo com o seu temperamento misógino. As vacas incomodam menos que os homens. E não escrevem em jornais franceses. Extensão do domínio da luta, primeiro romance que publicou, trouxe-lhe um extraordinário sucesso de crítica e abriu-lhe as portas do pequeno grande mundo literário parisiense. É esse livro que chega agora ao Brasil, depois de *Partículas elementares*, a ficção que fez de Michel Houellebecq uma realidade internacional. Ao mesmo tempo, sai *Plataforma*, o último exercício romanesco desse serial killer da arte. Para ele todo escritor é um genocida que deve acertar contas com as suas influências e enterrar os mestres.

Houellebecq vê o mundo com lentes próprias e muito especiais, desfocadas, quase sempre na contramão do politicamente correto e do esteticamente afetado. A convivência com os bovinos irlandeses ensinou-lhe a desconfiar das verdades humanas e a considerar efêmero o absoluto das tendências culturais dominantes. A regra de Houellebecq é simples: nunca estar onde o esperam. Surpreender sempre. Já o chamaram de moralista, de reacionário e de imoral. Já o acusaram de praticar o grau zero do estilo, de fazer sociologia em lugar de romance e de confundir provocação com menosprezo pelos outros. As feministas odeiam-no. Os homens acham que ele escreve para tentar comer alguém. As mulheres de mais de 40 anos consideram-no um pobre tipo. Os

árabes vêem nele mais uma expressão do racismo ocidental. Os muçulmanos querem a sua cabeça. Por quê?

Simples: Houellebecq afirma que o islamismo é a mais idiota de todas as religiões. Está convencido de que as mulheres de 40 anos são coitadas trocadas por duas de 20 anos depois de terem acreditado nas mitologias de 1968, como o culto do prazer e do corpo, imaginando que desfrutariam de um capital sexual inesgotável. Por fim, Houellebecq só pensa em sexo. Descartadas as caricaturas dos dois lados, sobra um magnífico escritor, tão vigoroso que ressuscitou a literatura francesa, nocauteada pelo Novo Romance, cujo longo sono parecia não ter fim.

Em 1985, Michel Houellebecq abandonou a família e a vida de funcionário para dedicar-se à ficção e à poesia. O arriscado investimento na sua bolsa de valores individual rendeu o máximo. As ações de Houellebecq estão em alta. Traduzido em mais de 40 países, já ultrapassou folgado a casa de um milhão de exemplares vendidos. Tudo isso lhe permite o tranqüilo retorno ao estábulo e ao celeiro, onde ruma a próxima história e espia o mundo com os olhos feito os olhos de um peixe morto.

Se Plataforma, publicado pouco antes do fatídico 11 de setembro de 2001, leva às últimas conseqüências a ascensão e a queda de yuppies europeus, terminando com um impressionante atentado terrorista praticado por muçulmanos fanáticos, Extensão do domínio da luta explora o cancro preferido do autor, a decadência e o isolamento dos indivíduos nas sociedades de massa. Eis uma ficção que não teme a realidade e dá nome aos bois: “A sexualidade é um sistema de hierarquia social”. Com base nisso, os personagens movem-se num romance de aprendizagem, a aprendizagem do desgosto.

Nesta entrevista, publicada, quase na totalidade, também pelo site Trópico: idéias de sul a norte, Michel Houellebecq revela um pouco mais do seu método de trabalho

e do seu delicioso estrabismo intelectual. No seu primeiro contato com um e-mail pessoal na Irlanda, arriscou-se a “atachar” um documento, considerou a operação um sucesso absoluto e vibrou com o resultado. Entre outras boutades, defende que a prostituição humaniza as relações sociais, quebra e suaviza as hierarquias. Michel Houellebecq devolveu à literatura a sua condição de fenômeno de comunicação.

Revista FAMECOS - Você se tornou um escritor conhecido no mundo inteiro. Os seus livros fazem violentas críticas ao imaginário social atual. A sua literatura representa um novo tipo de arte engajada, numa espécie de engajamento pós-moderno?

Michel Houellebecq — Não, na medida em que a política não se ocupa de modo algum das mesmas questões que eu. Observo o mundo de uma maneira; a política, de outra. Em relação aos problemas que me interessam, a política encontra-se em situação de incompetência total.

RF - Depois de Plataforma, romance em que aparece uma crítica impiedosa ao islamismo, você é considerado um novo Salman Rushdie. Há de fato um ponto comum entre vocês, seja literário ou político?

Houellebecq — Nenhum. Não li Salman Rushdie e acho divertidas as comparações feitas pelos jornalistas europeus entre nós dois. O que poderia nos aproximar? Não sei. Isso que é dito não me parece suficiente para que considerem um novo Salman Rushdie, caso isso signifique alguma coisa. A mídia adora os paralelos imperfeitos. Prefere as falsas semelhanças, que ordenam o caos, às verdadeiras diferenças, sempre tão incoerentes. Em compensação, gosto muito de Naipaul.

RF - Extensão do domínio da luta é um livro belo e muito triste. Para muitos se trata de

um perfil da sociedade desta pós-moderna esboçado por um escritor maldito. Essa é de fato a sua condição?

Houellebecq — Como escritor, não sou mais um marginal. Tornei-me célebre na Europa. Não digo isso por afetação, pois é algo que qualquer um pode constatar. Numa época em que a literatura já não tem a mesma aura, alcancei um espaço de visibilidade inquestionável. Mas, talvez, como ser humano eu ainda seja maldito. Quanto a isso, não creio que exista remédio ou solução. Está em mim. Ou nas minhas relações com a sociedade.

RF - Fala-se de sua obra como tendo forte acento autobiográfico. Como se dá o seu processo de criação? A sua ficção é mais resultado de um trabalho de imaginação ou de um processo de A leitura dos seus romances indica um excepcional senso de observação da realidade e um conhecimento profundo dos principais temas de atualidade na mídia. Você se preocupa em romancear a realidade imediata?

Houellebecq — Não tenho muita imaginação. Mas também não gosto de falar de mim em meus livros. Na verdade, trabalho por aproximações. Escuto muito as pessoas. Ouço-as com atenção e cuidado, mesmo quando pensam que não estou interessado no que dizem. Com frequência, o que as pessoas me falam reaparece, tal e qual, em meus romances. Talvez se possa chamar-se isso de método de prospecção da realidade por contato direto e informal. Chamo isso simplesmente de ouvir e aproveitar.

RF - Os seus livros parecem refletir concepções teóricas conhecidas, o que é comum na literatura francesa, sempre um tanto intelectualizada. Parece haver, por exemplo, um eco de Guy Debord e da “sociedade do espetáculo” na crítica, ou na caricatura, do reino atual das aparências.

Da mesma forma, parece haver rastros de Jean Baudrillard no perfil irônico da sociedade de consumo. Esses autores o influenciaram?

Houellebecq — De jeito nenhum. Isso é mais uma elucubração da crítica. Não me importo. Mas não faz sentido. Guy Debord quase nada acrescentou a Karl Marx. Bom, a teoria dele é interessante, mas parcial. Só me interessa por fontes teóricas inovadoras, originais. Por que perder tempo com derivações? Não vejo a razão. Baudrillard é pior ainda. Não contribuiu com nada para nada. Nunca consegui levar a sério esse tipo de leitura. Talvez seja uma boa distração. Tenho dúvidas.

RF - Em Extensão do domínio da luta, por exemplo, você parece apoiar-se em Pierre Bourdieu ao considerar a sexualidade como “um sistema de hierarquia social”, assim como na idéia de que cada um possui um capital sexual. O sexo é um fator de desigualdade social?

Houellebecq — As hierarquias sociais de que falo são absolutamente naturais. A sociedade não as criou. Ao contrário, no passado, chegou a suavizá-las através de certos mecanismos culturais. Atualmente, só consegue atenuá-las através do dinheiro. Um ser humano velho, feio e rico pode, contrariando a hierarquia natural, desfrutar de magníficas prostitutas, de sexo masculino ou feminino, o que é maravilhoso. Basta pagar. Em certo sentido, isso é muito bom e pode ser visto como uma humanização do sexo.

RF - Plataforma foi lançado pouco antes do 11 de setembro de 2001. Nesse romance, você ataca violentamente o islamismo e encerra com um atentado perpetrado por muçulmanos fanáticos. A tragédia nos Estados Unidos ajudou a vender o livro, numa espécie de marketing sangrento, ou aumentou a raiva dos seus inimigos?

Houellebecq — Isso só me trouxe problemas. Todo o mundo no Ocidente correu para dizer: “Não se deve confundir Bin Laden com o islã. A jihad deve ser entendida num sentido espiritual, não de guerra santa real. O diálogo entre as religiões do livro prossegue...” E outras coisas desse gênero. Em resumo, o politicamente correto funcionou a mil, com força total e conseqüências nada agradáveis para mim. Fizeram-me passar por um desses seres primários que confundem as coisas, como se eu tivesse reduzido todo o islamismo à figura de Bin Laden. Virei inimigo dos muçulmanos e um troglodita incapaz de compreender a complexidade dos fenômenos sociais e religiosos.

RF - Esse tipo de posição e mais o que pensam e dizem os seus personagens levaram a considerá-lo um escritor reacionário. Você é de direita?

Houellebecq — Sei. A esquerda vive me enchendo o saco. O fato de eu ser franco-atirador me transforma num alvo fácil. Na França, nunca me perdoarão certas posições, como a de ser claro a respeito do fanatismo islâmico. Que fazer? Melhor ficar na companhia das vacas irlandesas. A literatura, de qualquer maneira, é um exercício de libertação, não devendo respeito a nada nem a ninguém. A tranqüilidade da vida no campo só me faz bem. Isso estimula a escrever besteiros. É reconfortante.

RF - Alguns dos seus mais severos críticos garantem que os seus problemas com o islamismo são da ordem do ressentimento pessoal. Mais especificamente, um problema de família, o suicídio da sua mãe logo depois de ela ter-se convertido à religião muçulmana. Uma obra que se pretende universal pode partir de elementos tão particulares?

Houellebecq — Na verdade, eu inventei

esses problemas pessoais para divertir e enganar os jornalistas, que abocanharam as mentiras com sofreguidão. É sempre assim. As mentiras são sempre mais sedutoras e sensacionais. A imprensa não suporta a verdade. Menti bastante. A coisa pegou. Agora, já não consigo me livrar dela. Só critiquei o islamismo de passagem, com base no senso comum, no evidente, no banal, no que todo mundo vê e comenta. Nunca pensei que haveria tamanha repercussão.

RF - Dos seus livros se desprende uma força impressionante, uma beleza cruel e uma ironia atroz. Apesar disso, os críticos falam de grau zero do estilo. Por que uma narrativa tão poderosa gera tantos inimigos?

Houellebecq — O sucesso sempre tende a produzir inveja. Isso é normal. Mas também tenho um pouco de culpa nesse processo, pois adoro mentir sobre a minha biografia, espalhando detalhes que não correspondem à realidade e provocam confusão. Em compensação, faço mal o jogo literário. Não gosto de me manifestar quando me pedem uma opinião sobre um livro. Mas se insistem e se não gosto da obra, acabo por dizer isso de maneira franca e cristalina. Resultado: arranjo inimigos fiéis.

RF - Qual é a sua relação com a história da literatura contemporânea francesa? Você representa a continuação do Novo Romance ou o carrasco dessa concepção literária que fez história?

Houellebecq — O surgimento do livro de bolso provocou uma ruptura na história da leitura na França. A recepção mudou. Tive acesso fácil aos clássicos, entre os quais Balzac e Victor Hugo. Estou convencido de que contaram mais para mim, como leitor e depois escritor, que todo o pessoal do Novo Romance, de quem eu sou quase contemporâneo. Adolescente, mais do que

os romances de autores contemporâneos da literatura convencional, eu preferia mergulhar na ficção científica. Essa sim povoou o meu imaginário. O Novo Romance, para dizer a verdade sem rodeios, nunca me interessou.

RF - Extensão do domínio da luta é um livro que encarna uma época. Tem-se a impressão de contém toda a sua visão de mundo e que Partículas elementares e Plataforma dão continuidade a esse projeto estético. É a sua obra-prima?

Houellebecq — Para alguns críticos sim. Tenho a impressão de que Partículas elementares é mais importante, na medida em que aborda francamente os problemas do casamento e das relações entre homens e mulheres em nossas sociedades, além de tentar uma abordagem histórica. Porém, sendo múltiplo e mais confuso, talvez seja menos bem-acabado tecnicamente, o que não ocorre com Extensão do domínio da luta, mais concentrado.

RF - Você é um homem atento às questões políticas e apoiou publicamente a candidatura republicana de esquerda de Jean-Pierre Chévenement à presidência da França na eleição deste ano. Por que persiste a fama de reacionário?

Houellebecq — Foi a primeira vez que apoiei um candidato e creio que a última. Parece-me difícil explicar ao público brasileiro que a candidatura de um republicano de esquerda tenha sido considerada reacionária na França. O sentido das palavras, com certeza, mudou. Nada posso fazer.

RF - Como você analisa o conflito entre israelenses e palestinos neste momento?

Houellebecq — De maneira bem simples: espero que os israelenses vençam.

RF - Os seus livros mostram homens acoitados pela publicidade a desejar o

que não poderão ter, principalmente em relação ao sexo. É o caso de Tisserand em Extensão do domínio da luta. Você sonha com outro mundo, fora do capitalismo e da lógica da mercadoria?

Houellebecq — Infelizmente, no caso de Tisserand, não é a publicidade a causa do seu sofrimento, mas a atração sexual irresistível de certas garotas, aliada à própria falta de condições de atração dele. Que fazer? Que sociedade poderia resolver isso? Sinceramente, não vejo nenhuma. Está na ordem natural das coisas.

RF - Tornou-se hábito anunciar a morte da literatura francesa. Você a reinventou. Que outros autores lhe parecem constituir uma nova literatura francesa de qualidade?

Houellebecq — O que está completamente desacreditado na França de hoje é a literatura baseada na religião do “texto” e da “língua”, indiferente aos personagens e ao conteúdo. Não é por acaso que a maioria dos bons autores franceses contemporâneos atrai o mundo do cinema, ou faz parte dele, como Emmanuelle Bernheim, Emmanuel Carrère e Maurice Dantec... É outra visão de narrativa.

RF - Você se interessa pela literatura inglesa ou norte-americana? Que pensa de Nick Hornby, de Paul Auster e de Martin Amis, entre outros?

Houellebecq — Nada. Conheço muito pouco dessa literatura.

RF - Que lugar ocupam as mulheres e o amor na sua literatura e na sua vida?

Houellebecq — Devo reconhecer que as mulheres e amor são o tema principal dos meus livros. É fácil de constatar isso. Já na minha vida, isso depende das épocas. Até me acontece, embora raramente, de pensar em outra coisa.

RF - Por que viver auto-exilado na Irlanda?

Houellebecq — Na minha situação, é mais agradável viver no campo, sem ter nenhum contato com a mídia francesa. Isso evita fontes de tensão e estresse inúteis. Outro país poderia me servir, mas o inglês é a única língua que quase domino. Além disso, a Irlanda é um país de tradição católica, onde é muito mais agradável viver do que na Inglaterra ou nos Estados Unidos. É, na verdade, muito próximo da Bretanha. Mas é mais adequada. Na Bretanha, eu ainda me sentiria tentado a ler os jornais franceses e a olhar televisão. Critico coisas do meu país que não são desinteressantes, mas que não me servem. Prefiro falar de temas mais gerais.

RF - Quem é de fato Michel Houellebecq?
Houellebecq por ele mesmo.

Houellebecq - Espero que isso não tenha muita importância. Quero ficar como quem produziu um depoimento relativamente fiel de minha época, independentemente das minhas características pessoais.

RF – A literatura é um fenômeno de comunicação ou a arte não precisa ter essa preocupação?

Houellebecq – Escrevo para dizer algo. Ao contrário de certas escolas literárias que se diziam formalistas e produziram obscuridade, acredito numa transparência capaz de unir forma e conteúdo. Para mim, sem nenhuma dúvida, a arte é antes de tudo comunicação. É através dela que se pode compreender o que escapa à objetividade da ciência.

RF - O que é comunicação?

Houellebecq – Dar transparência ao invisível por excesso de luz.

Nota